

A PRÁTICA DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA ANÁLISE FUNDAMENTADA EM CERTEAU.

THE TEACHER PRACTICAL IN THE EVEREDAY LIFE SCHOOL: AN ANALYSIS BASED ON CERTEAU.

Thaís Gimenez da Silva Augusto

Faculdade de Educação/ UNICAMP

Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias/ UNESP – campus de Jaboticabal

thaisgime@gmail.com

Resumo

Longe de ser um lugar de mera repetição, o cotidiano escolar é constantemente reinventado pelos seus praticantes. No presente trabalho, analisamos trechos de uma entrevista realizada com uma professora das séries iniciais do ensino fundamental à luz das teorias cerotonianas sobre o cotidiano. A professora relata como “burla” as imposições do sistema de ensino do município em que trabalha para produzir um currículo no qual acredita. Os estudos de Certeau são de grande valia para a análise das relações e das práticas no ambiente escolar porque permitem um olhar para toda a sua complexidade: a escola não é uma simples reprodutora das regras e imposições do sistema de ensino. Através das táticas de seus praticantes, ela se torna produtora de um currículo único, que não é aquele preconizado pelos sistemas de ensino e sim, construído pelo percurso que cada professor e cada aluno traça no cotidiano escolar.

Palavras-chave: cotidiano escolar, currículo, táticas, séries iniciais.

Abstract

Far from being a place of mere repetition, the everyday life of a school is constantly created by its practitioners. In the present paper, we analyze pieces of an interview with a teacher of the early series which casts light on Certeau's theories about the evereday life. The teacher tells us how to cheat the impositions of the public education system where she works to produce a curriculum which she believes in. The Certeau's studies are very valuable for the analysis of the relations and the experiences pertaining to school environment, because they allow us to a see all their complexity: the school is not a simple reproducer of the education system's rules and impositions. Through the tactics of its practitioners, it becomes the producer of a single curriculum, that is not that one praised by the education system, but the one constructed by the path which each teacher and pupil trails in the daily school routine.

Keywords: everyday life of school, curriculum, tatics, basic education.

1 Introdução

A pesquisa acadêmica sobre o cotidiano escolar realizada até a década de 1990, foi fortemente influenciada pelos escritos de Agnes Heller (1970).

Para a autora, o cotidiano é o lugar da repetição, nele não há espaços para a reflexão ou para a criação. Sob inspiração marxista, ela aponta que é necessário superar o cotidiano, transcendê-lo, para que o ser humano deixe a condição de alienação, rumo a práticas mais reflexivas. Essa superação do cotidiano é alcançada, segundo Heller (1970), apenas em determinadas atividades como a Ciência e a Arte.

Uma nova visão de cotidiano foi disseminada por Michel de Certeau (1994), com a publicação do livro *A Invenção do Cotidiano*, resultado de uma ampla pesquisa sobre o tema, realizada em diferentes países. Para o autor, o cotidiano não é simples repetição, ele é reinventado pelos seus praticantes, que não são de forma alguma, simples consumidores passivos e não-reflexivos.

Em nossa pesquisa de doutorado, estamos investigando um grupo de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, que participam de um curso de formação em serviço promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O curso em questão forma professoras das redes municipais de ensino da região de Campinas em Licenciatura Plena em Pedagogia. É presencial, tem duração de 3 anos e desenvolve uma proposta vanguardista de Ensino de Ciências.

Pretendemos analisar qual o impacto desse curso sobre a prática pedagógica dessas professoras, se suas concepções sobre ensino de Ciências mudaram e como se refletiram em suas aulas. Para isso, antes do início da disciplina pesquisada, realizamos entrevistas prévias com essas professoras sobre suas práticas pedagógicas cotidianas em Ciências: sobre como ensinam e quais as concepções de Ensino de Ciências possuem.

Os primeiros resultados nos surpreenderam porque esperávamos concepções mais tradicionais de Ensino de Ciências. Amparados numa visão de cotidiano escolar mais próxima do pensamento de Heller (1970), pensávamos que as professoras eram simples reprodutoras dos sistemas de ensino ou dos modelos preconizados pelos livros didáticos ou pelos documentos oficiais. Contudo não foi isso que encontramos.

Alves (2003) afirma que devemos em nossas pesquisas, mostrar (e descrever) a escola como ela é, como ela se apresenta em sua realidade complexa, tentando nos despir de “pré-conceitos”.

No presente trabalho, analisamos trechos de uma entrevista realizada com uma das professoras cursantes da disciplina pesquisada (Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente) à luz das teorias cerotonianas sobre o cotidiano.

2 O cotidiano em Certeau.

Para Certeau (1994), o cotidiano é marcado pelas relações de poder entre os fortes e os fracos. Esses últimos também são chamados usuários ou consumidores (não apenas de bens materiais, mas também de bens culturais, de regras e imposições das intuições etc...).

Em sua pesquisa o autor (p. 38) objetivou:

...exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer, passivos ou dóceis).

Essa dominação, como aponta o autor, não é aceita passivamente, mas é, muitas vezes, transformada pelas “táticas” dos praticantes do cotidiano. Os consumidores não são receptores inertes dos produtos a eles destinados, eles podem fazer um uso diferente de um objeto produzido para um determinado fim.

Certeau (1994) utiliza-se da metáfora do apartamento alugado como ilustração: o consumidor é o locatário que decora o apartamento (produto pronto) de acordo com sua vontade.

A título de exemplo, podemos ainda questionar: Será que pessoas que assistem a programação televisiva por horas, absorvem aquele produto da forma e com as intenções que ele foi fabricado? Ou seria possível ao telespectador compreendê-lo e absorvê-lo (ou não) da forma que lhe convier?

A pirataria ou a troca de músicas e arquivos entre usuários da *internet* se apresenta como uma forma de burlar as leis de direitos autorais e possibilitar o consumo de produtos comercializados legalmente a um alto custo. Portanto, caracteriza-se como uma tática do consumidor em detrimento do produtor.

Segundo o autor, o produtor utiliza-se da "estratégia", enquanto o consumidor, da "tática".

O que distingue estas daquelas são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar (p.92). [...] Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder (p.101).

Portanto, "a tática é a arte do fraco" (p. 101). Como em um ataque de guerrilha, os praticantes da tática não partem para o confronto direto com os que detêm maior poder, mas nem por isso se curvam a ele. Diferentemente de uma guerrilha, não têm o propósito de tomar o poder e sim, "sobreviver" a ele. O fraco não é capaz de estabelecer as regras do jogo, todavia pode burlá-las, como um jogador de cartas que blefa quando a sorte (o poder) não está ao seu lado.

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas "populares" desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude rapidamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é *representada* por uma arte. Na instituição a servir se insinua assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do "*dom*" (de generosidades como revanche), uma estética de "*golpes*" (de operações de artistas) e uma ética da *tenacidade* (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade) (CERTEAU, 1994, p.88-89).

O cotidiano escolar, como parte de um contexto social mais amplo, está impregnado pelas táticas de seus praticantes, sejam eles, alunos, professores ou gestores. Essas táticas evidenciam-se nas diversas relações de poder que se estabelecem nesse território hierarquizado em que o "forte" e o "fraco" podem mudar de posição constantemente. Assim, o professor é o detentor do poder em sua relação com o aluno (ou não), mas torna-se o "fraco" em sua relação com o gestor ou o sistema de ensino.

A seguir, analisamos trechos de uma entrevista de uma professora dos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, nos quais evidencia-se a relação de poder entre ela e o sistema de ensino. A entrevista mostra como a professora faz uso de táticas em sua prática pedagógica, conforme as descritas por Certeau.

3 Uso de táticas no cotidiano escolar - um exemplo.

A entrevista que se segue foi realizada em março de 2006 com uma professora cursante do Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas (PROESF), um curso de Licenciatura Plena em Pedagogia promovido pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Esse instrumento objetivava explicitar as práticas pedagógicas de algumas professoras cursantes, em Ciências, anteriormente ao início da disciplina Teoria Pedagogia e Produção em Ciências e Meio Ambiente a fim de se analisar o impacto da disciplina em questão sobre as concepções e práticas das cursantes.

Identificamos com a letra **P**, a pesquisadora, e com a letra **E**, a entrevistada. Optamos por manter o discurso literal. Não foi feita textualização.

P: Como você trabalha?

E: Na rede (municipal de ensino) eles pregam o construtivismo. E a gente que está com um pouquinho mais de 15 anos de magistério vai mesclando... Eu não me adaptei ao construtivismo, eu sou mais tradicional.

P: Como o construtivismo que é trabalhado pela rede é passado pra vocês? Durante os HTPC's (Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo)?

E: Nós tivemos vários cursos, desde de 2001, várias capacitações... sobre os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Nesses 5 anos, tivemos vários cursos de como se deve trabalhar. Daí trabalha quem quer... quer dizer, é uma exigência da rede. Muitas de nós não trabalhamos desse modo que eles pedem, a gente trabalha um parte, uma parte vai pro tradicional... Por quê você não vai registrar nada? Vai pegar só o conhecimento do aluno? Não passa nada? Então a gente mescla um pouquinho e a direção da rede sabe e deixa passar. Cobra, mas a gente finge que faz exatamente o que eles querem, mas faz aquilo que o aluno necessita. Não adianta eu trabalhar do jeito que a rede quer, se o aluno não aprende. Eu tenho que fazer o que ele precisa. A gente faz adaptações do tradicional pro construtivismo, entre aspas.

P: E os conteúdos? Como são? Você que define o que você quer ensinar? Ou já tem um cronograma do que deve ser ensinado?

E: Não, nós temos os cronogramas e agora eles foram todos colocados num livro que agora eu não me lembro o nome desse livrinho... nós chamamos ele assim, entre nós, de Bíblia, porque é um livro grosso e todos os objetivos e o conteúdo estão ali, o que deve ser trabalhado na rede municipal. Todas as escolas têm, todo professor têm. Já vem discriminado para cada série, os conteúdos e os objetivos que você têm que

atingir e aí as atividades são por sua conta. E o que você pega de livros, textos de fora, você tem que apresentar pra coordenação pra saber se eles aprovam ou não. Tanto a atividade quanto o método que você vai aplicar. Se a atividade tradicional você souber explicar dentro da proposta construtivista que eles querem, tudo bem. Mas se você fizer uma atividade tradicional e for trabalhar no ensino tradicional, eles barram. Então é tudo muito controlado. E a gente de vez em quando dá uma burlada nisso. Nem todas as atividades a gente apresenta. A gente apresenta uma parte e uma parte a gente vai tirando durante a semana de outros livros e vai passando. Ninguém cumpre assim rigidamente isso aí. Pelo menos que eu sei que minhas colegas falam, todo mundo dá uma “burladinha”.

P: E você concorda com aqueles conteúdos obrigatórios ou você gostaria de ensinar outros?

E: Eu ensino aquilo e mais alguma coisa que eu acho que tem que ensinar. Eu não fico só presa naquilo. O ano passado aconteceu um tornado na cidade. Como não falar desse evento da natureza se nós vivenciamos, ele passou no nosso bairro, destruiu as nossas casas, foi uma coisa que nós vivemos. Ele pegou exatamente a zona sul, a região da escola, da casa dos nossos alunos. Então não tem como não falar desses fatos, tem que falar. A enchente do rio que transbordou e inundou várias casas... como não falar disso, se aconteceu, se eles viveram. Por que que a casa encheu? Por que o rio transbordou? Não tem como fugir dessas coisas.

P: Você acha que essa proposta fechada “amarra” um pouco o professor? Apesar de você dizer que “dá um jeitinho”?

E: Eles falam que a nossa proposta não é fechada, mas na realidade é, já que veio esse... esqueci o nome do livro... bom, gente chama de Bíblia lá, porque ele é grossinho. Veio esse livro pra gente, mas a gente burla isso aí, a gente ensina mais.

P: Os cursos que você fez até agora contribuíram de alguma forma para a sua prática?

E: Contribuíram. Não vou dizer que foi cem por cento, mas algumas coisinhas serviram pra ajudar. Os cursos, as capacitações que tem na cidade também ajudaram, eles dão boas explicações, tem bons livros... Só que é aquela coisa, a teoria é bonitinha, mas na prática com 40 alunos a coisa não funciona. Todo mundo sabe que não funciona, mas ensina, fala pro professor fazer. A gente tenta, mas não sai cem por cento também. A gente faz algumas adaptações, infelizmente, gostaria que a coisa funcionasse. Gostaria de falar “não, isso dá certo.” Mas ainda não descobrimos um método de ensino eficaz aqui no Brasil. Nós estamos copiando dos outros, o que não deu certo nos outros países. Quem sabe um dia aqui alguma coisa muda.

A fala da professora entrevistada é um exemplo claro de como as táticas são utilizadas pelos praticantes do cotidiano escolar, frente ao poder instituído. Apesar de haver todo um controle realizado pelo sistema de ensino municipal em que essa professora trabalha, que procura implantar o

construtivismo, através de cursos oferecidos aos professores, produz um programa com conteúdos e objetivos a serem atingidos e dá ao coordenador escolar a função de fiscalizar se o programa está sendo implantado, a professora entrevistada não segue rigidamente o que lhe foi determinado e afirma que as colegas fazem o mesmo. Utilizando-se de táticas, como apresentar um planejamento e desenvolver outro ou não apresentar todo o conteúdo a ser tratado em sala de aula à coordenadora, ela consegue ensinar não apenas os conteúdos obrigatórios, mas os que considera importantes para o aprendizado do aluno e continua com um ensino mais tradicional, no qual acredita.

Como afirma Certeau (1994, p.101) "o poder se acha amarrado a sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela..." As professoras não estão tão expostas quanto o sistema de ensino, apesar de todo controle extra-classe, dentro de suas salas de aula apenas elas e os alunos sabem o que acontece. Ademais, são muitas em uma rede municipal ou mesmo em uma escola em que a fiscalização é aplicada apenas pela gestão escolar, que muitas vezes, é conivente com as táticas das professoras, como afirma a entrevistada.

A professora afirma que "burla" o sistema de ensino, não em proveito próprio, mas por uma preocupação com a aprendizagem dos alunos. Procura ensinar conteúdos que acredita que são "*o q o aluno precisa*" e os mais próximos da sua realidade.

Os cursos oferecidos pela secretaria municipal de ensino em que essa professora trabalha, provavelmente ensinaram apenas uma teoria, mas não foram capazes de convencer professores e gestores que o construtivismo poderia trazer bons resultados quanto à aprendizagem. Ademais, foram provavelmente, impostos as professoras, através de cursos e de um programa de ensino elaborados sem a participação delas. Relatos de experiências anteriores mostraram que a imposição de novas correntes teóricas em ensino/aprendizagem ou de metodologias não tiveram bons resultados ou nunca chegaram efetivamente às salas de aulas (AMARAL, 1998). É necessário que os docentes tenham participação direta no processo de elaboração e desenvolvimento dos currículos a serem aplicadas na sala de aula.

4 Considerações Finais

Optamos pelo desenvolvimento de uma análise mais pontual e por delimitar um referencial teórico único porque tínhamos, no presente trabalho, um objetivo bem específico, mostrar as táticas utilizadas por uma professora no cotidiano escolar e como a teoria do autor escolhido possibilitava essa análise.

Os estudos de Certeau sobre o cotidiano são de grande valia para a análise das relações e das práticas no ambiente escolar porque permitem um olhar para toda a sua complexidade: a escola não é um lugar de simples repetição, uma reprodutora das regras e imposições do sistema de ensino. Através das táticas de seus praticantes, ela se torna produtora, produz um currículo único, que não é aquele preconizado pelos sistemas de ensino e sim, construído pelo percurso que cada professor e cada aluno traça no cotidiano escolar.

Referências

ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, n. 23, maio/jun/jul/ago, pp. 62-74, 2003.

AMARAL, I. A. Bases, obstáculos e possibilidades para a constituição de um novo paradigma da didática em Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 9, Águas de Lindóia, 1998. **Anais II**, São Paulo: FEUSP, 1998. p.67 – 88.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

Apoio: **FUNDUNESP**
(Fundação para o Desenvolvimento da UNESP)